

LIGA DE ENSINO DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO UNIVERSITÁRIO DO RIO GRANDE DO NORTE
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LIZANDRA FABRÍCIA BRASILEIRO DE ALENCAR

**LUDOTERAPIA NA ANÁLISE TRANSACIONAL: COMPREENDENDO A
RESISTÊNCIA**

NATAL/RN

2017

LIZANDRA FABRÍCIA BRASILEIRO DE ALENCAR

**LUDOTERAPIA NA ANÁLISE TRANSACIONAL: COMPREENDENDO A
RESISTÊNCIA**

Relatório de Estágio apresentado
como requisito avaliativo parcial da
disciplina de Estágio
Profissionalizante em Psicologia do
Curso de Psicologia da UNI-RN.

Supervisora Acadêmica:
Profº.Esp. Geórgia Martins CRP
17/1254

Supervisora de Campo: Profº.Esp.
Geórgia Martins CRP 17/1254

NATAL/RN

2017

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois sem Ele de nada seria capaz. Agradeço também a mãe e irmã, por todo suporte em especial a minha mãe que desde cedo me incentivou a estudar, auxiliando nas tarefas de casa, caligrafia e tabuada. Apoiou-me quando ingressei no curso, ajudando de todas as maneiras que lhe eram possíveis. Sempre cuidou de mim, e me mostrou a importância de estudar, devo a ela o meu gosto pelos estudos. Foi sempre um exemplo de mulher.

Quero agradecer também a professora Geórgia, por todo o ensinamento não apenas nesse ano de estágio, mas também nos dois anos de monitoria, aprendi grandemente não apenas em aulas, supervisões e reuniões, mas também observando seu modo de trabalho. Almejo ser um dia a profissional que és experiente, cuidadosa com o trabalho e com as pessoas com quem trabalha.

Deixo também meus agradecimentos e reconhecimento a algumas pessoas, sem citar nomes, mas que fizeram parte da minha formação, apoiando e contribuindo da maneira que eram capazes.

Gratifico aos poucos, porém valiosos amigos de classe que sem dúvida contribuíram para a profissional que serei, e o meu grupo ao meu grupo estágio Micarla Rocha, Edgley Campos, Karina Perez e Alexandre Mascena que certamente serão profissionais humanos.

RESUMO

Trata-se de um estudo de caso referente aos atendimentos do estágio supervisionado em ênfase clínica, os atendimentos aconteceram durante o ano letivo de 2017. O objetivo do presente trabalho é fazer a interface da prática dos atendimentos com a teoria, usando como embasamento teórico a Análise Transacional, e esta tem por objetivo final a autonomia do sujeito e entender como funcionam as relações interpessoais e intrapessoais, compreendendo o *script* de vida do indivíduo e como ele se manifestará. Consiste em um caso clínico infantil, na qual almeja auxiliar a criança a organizar suas ideias e passar pelas vivências de uma maneira saudável usando o lúdico como ferramenta, pois é a partir do brincar que a criança externa suas ideias, frustrações e traumas. O trabalho com Pedrinho foi focado na criação de vínculo terapêutico, pois a criança em questão chegou com muita resistência dificultando entrar no processo terapêutico. É relevante essa experiência para a formação profissional e também crescimento pessoal.

Palavras-chave: Análise Transacional. Ludoterapia. Resistência.

ABSTRACT

It is a case study regarding the attendance of the supervised stage in clinical emphasis, in the attendances happened during the academic year of 2017. The objective of the present work is to make an interface of the practice of consultations with the theory, using as theoretical foundation the Transactional Analysis, and this final objective is an autonomy of the subject and economy as interpersonal and intrapersonal relations functions, comprising the script of individual seer and how it will manifest. They consist of a child clinical case, in which it aims to help the child to organize his ideas and past experiences in a salutary way using the play as a tool, since it is from the play that the external child his ideas, frustrations and traumas. The work with Pedrinho was focused on the creation of therapeutic bond, for a child in question with great difficulty to enter into the therapeutic process. This experience is relevant for professional training and also personal growth.

Keywords: Transactional Analysis. Ludoterapia. Resistance.

LISTA DE TABELAS

Figura 1 – Transações complementares	11
Figura 2 – Transações cruzadas	12
Figura 3 – Transações ulteriores	12

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	7
2. A ANÁLISE TRANSACIONAL	8
2.1. ANÁLISE ESTRUTURAL E FUNCIONAL	8
2.2. ANÁLISE DAS TRANSAÇÕES	9
2.2.1. Transações complementares	10
2.2.2. Transações cruzadas	11
2.2.3. Transações ulteriores	12
2.3. ANÁLISE DOS JOGOS PSICOLÓGICOS	13
2.4. ANÁLISE DO SCRIPT DA VIDA	13
2.5. RESISTÊNCIA NA AT	14
2.6. ESTADO OK	16
2.7. LUDOTERAPIA	16
2.7.1. O processo terapêutico lúdico	18
2.8. PROBLEMATIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO	19
2.9. ANÁLISE DIAGNÓSTICA DO CAMPO DE ESTÁGIO	20
2.10. ATIVIDADES PROPOSTAS OBJETIVOS E METODOLOGIA	20
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	22
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES	30
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se ao relato de caso do estágio supervisionado em ênfase clínica. O estágio ocorreu na Clínica Integrada do UNI-RN durante o ano letivo de 2017. A abordagem escolhida foi a Análise Transacional que consta na troca de estímulos e respostas entre os indivíduos, denominada por Berne (1910 – 1970) de transações.

Eric Berne foi um médico psiquiatra canadense, que em meados dos anos 50 desenvolveu uma nova técnica para a prática da psicologia, essa abordagem teria como seu último objetivo, como afirma Berne (1985) alcançar a Autonomia de Vida. A International Transactional Analysis Association (ITAA, 2017) explica que ser autônomo consiste no indivíduo que tem o controle de sua própria vida, aceita a responsabilidade de seus próprios sentimentos, pensamentos e comportamentos, e de mesmo modo abdicar de padrões inadequados para viver no aqui-e-agora.

O trabalho da AT dentro da clínica inicia-se por meio do contrato, que é "um acordo bilateral entre o terapeuta e o cliente, que tem por finalidade alcançar os objetivos propostos". (ITAA, 2017). O terapeuta, como Berne (1985) explica, vai agir como um facilitador, auxiliando o paciente a conquistar as mudanças desejadas.

Para um aprimoramento do trabalho foi preciso beber de outras fontes, visto que o trabalho se daria com uma criança, e na abordagem em questão não existe um direcionamento para o cuidado com crianças e adolescentes.

O trabalho foi realizado por meio de brincadeiras e jogos, pois como explica Aberastury (1992) é brincando que a criança vai desenvolver-se adequadamente, e de acordo com a fase do desenvolvimento o brinquedo vai mudar. Portanto o trabalho irá fazer uma interface entre a teoria da Análise Transacional e a prática do atendimento clínico de modo a explicar seus principais conceitos elucidando com a experiência.

2 A ANÁLISE TRANSACIONAL

A Análise Transacional (AT) é uma abordagem da Psicologia criada pelo médico psiquiatra Eric Berne (1910 – 1970) e sua teoria foi consolidada no final da década de 50. De acordo com a definição da International Transactional Analysis Association (ITAA, 2017) "A Análise Transacional é uma teoria da personalidade e uma psicoterapia sistemática para o crescimento e a mudança pessoal".

Eric Berne (1985, p. 86) afirma que “O objetivo da análise transacional é o *controle social*, em que o Adulto retém o poder de comando na relação com outras pessoas”. Trata-se de uma abordagem “parental”, ou seja, ela é ativa, envolvendo sugestões, confiança na relação terapeuta/paciente e outras questões necessárias.

O procedimento ocorre por meio de estágios definidos, nesse sentido Berne (1985, p. 22) afirma:

Tanto no trabalho individual como no de grupo, este método avança por estágios claramente definíveis e que, pelo menos esquematicamente, se sucedem uns aos outros, de modo que terapeuta e paciente podem, a qualquer momento, estabelecer a posição terapêutica com uma certa precisão.

Esses estágios consistem em inicialmente identificar os estados do ego para assim saber o que se predomina e por fim obter o controle social no qual o paciente no estado de ego Adulto sustém o poder de comando na relação com o outro, ou seja, ele terá autonomia, se conhecerá melhor e entenderá suas atitudes.

No dizer de Crema (1994), Eric Berne deixou como herança para seus estudiosos quatro paradigmas básicos, sendo eles a análise estrutural e funcional, a análise das transações, a análise dos jogos psicológicos e a análise do *script* de vida. Esses paradigmas estão conexos, por essa razão é preciso à compreensão de um para compreender o outro.

2.1. ANÁLISE ESTRUTURAL E FUNCIONAL

Para se compreender a análise Transacional, é fundamental entender as estruturas do ego, dominada por Berne (1985) como estágios do ego. Esses estados são o de Pai, Adulto e Criança (P-A-C).

Existe certa confusão com o que é funcional e estrutural, Crema (1984) explica que o estrutural é referente ao anatômico, são órgãos psíquicos, e nesse sentido, Berne (1985, p. 23) explica que:

a aplicação das análises estrutural e transicional exige um vocabulário esotérico de apenas seis palavras. *Exteropsique*, *neopsique* e *arqueopsique* são vistos como órgãos psíquicos que se manifestam fenomenologicamente como estados do ego extero-psíquico (identificativo), neopsíquico (de processamento de dados) e arqueopsíquicos (ex. regressivo). Na linguagem coloquial, referimo-nos a estes tipos de estado do ego como *Pai*, *Adulto* e *Criança*.

O conceito de *Pai*, *Adulto* e *criança* são referentes à análise funcional, e Crema (1984) afirma que são as manifestações fenomenológicas e dinâmicas dos órgãos psíquicos. Entende-se então que cada uma das estruturas psíquicas é correlativa a uma estrutura funcional, sendo a *Exteropsique* relacionada ao *Pai*; *Neopsique* relacionada ao *Adulto* e por fim a *Arqueopsique* relacionada à *Criança*.

Roberto Crema (1984, p. 165) explica:

A representação da análise estrutural como o tronco de uma árvore cortada no sentido horizontal, onde a crosta, que muda constantemente, dela saindo ou penetrando-a, é o *Adulto*; quando se infiltra, torna-se *Pai*, que continua sempre desenvolvendo-se, com a introjeção de personagens que simbolizam autoridade também na fase adulta, como o psicoterapeuta, o chefe etc., sendo que a *Criança* é sua parte central, que não cresce mais, pois até os sete anos é fixa, vivendo do suco vital que aí existe.

Durante o processo terapêutico esses estados vão se manifestando, e o paciente vai tomando uma posição, Bern (1985) relata que o termo “estado do ego” designa o estado da mente e isso reflete nos padrões de comportamento do indivíduo, ou seja, quando classificado poderá ser esclarecido.

2.2. ANÁLISE DAS TRANSAÇÕES

Entendido a base na qual a abordagem é fundamentada, parte-se para o entendimento de como os estágios se mostram dentro das relações interpessoais. E isso se torna possível por meio da análise das transações.

Crema (1984) explica que a transação é uma espécie de estímulo e resposta que será referente ao estado de ego que a pessoa que recebe o estímulo se encontra. Além do mais Crema (1984) afirma que através do paradigma das

transações a AT contribui na compreensão do trabalho grupal vendo as relações como um todo. Ou seja, “em vez de trabalhar apenas com o casal, trabalhará com a instituição do casamento” (CREMA 1985, p. 121).

O trabalho com grupos ajuda a visualizar melhor como ocorrem às transações nas relações, Berne (1984, p. 87) explica com o exemplo a seguir:

Um dia, Camellia seguindo uma sequência prévia de pensamento, anunciou que tinha dito ao seu marido que nunca mais manteria relações sexuais com ele e que ele poderia procurar outra mulher. Rosita perguntou com curiosidade: “Por que você fez isso?” Em resposta, Camellia rompeu em lágrimas e replicou: “Foi tão difícil e agora você critica”.

No exemplo acima citado pode-se perceber que a personagem Camellia lança o estímulo transacional enquanto Adulto e a personagem Rosita recebe também como Adulto, contudo ela devolve a resposta transacional na posição de Pai e a Camellia o recebe na posição Criança. Compreendem-se então dois tipos de relações transacionais, a relação complementar (adulto – adulto), e uma relação cruzada (pai – criança).

Percebe-se também nesse trecho, o que Berne (1984) quer passar quando diz que as relações estão intercambiadas pelo estado do ego. Crema (1985, p. 212), afirma que “podemos acompanhar as transações, entre duas ou mais pessoas, com simples e esclarecedores diagramas, que podem ser muito úteis na análise de conflitos interpessoais”.

Para esse momento haverá uma breve explanação das relações e suas transações.

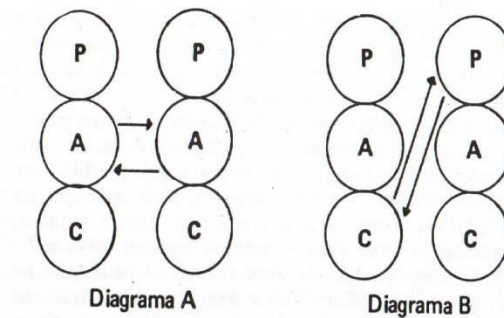
2.2.1. Transações complementares

Berne (1985) ao falar das transações afirma que a transação complementar ocorre quando a resposta não procede do estado de ego que foi enviado. Ou seja, como na figura 1 representa, uma pessoa manda o estímulo do estado Criança e quem recebe volta a resposta no estado de Pai.

Crema (1985, p. 166) explica que “A transação Complementar ocorre quando a resposta é apropriada e espera por quem emitiu o estímulo, partindo do estado do ego que foi estimulado”.

Pode ser chamada também de paralela, Crema (1985) explicou que essa denominação se dá devido os vetores do estímulo e da resposta podem se apresentar de forma paralela, conforme exemplificado na figura 1. Na transação complementar apenas um estado do ego será envolvido por cada pessoa.

Figura 1 – Transações complementares



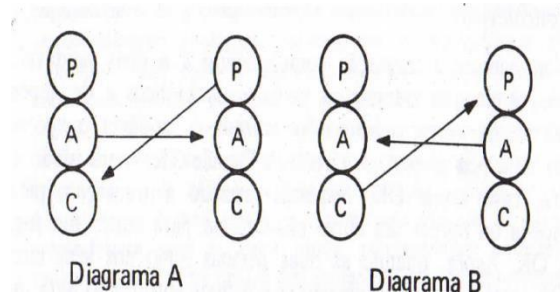
Fonte: Roberto Crema (1985).

2.2.2. Transações cruzadas

No dizer de Crema (1985, p. 167) “A transação cruzada ocorre quando a resposta não procede do estado do ego que foi estimulado, sendo inesperada e, geralmente, frustrante”.

Isso significa dizer que a relação terá estados de ego diferentes quando o estímulo for lançado e quando chegar ao destinatário esse estímulo, diferente das transações complementares aqui haverá mais de um estado de ego para cada pessoa conforme mostra a figura 2.

Berne (1984) explica essa relação afirmando que começa com uma relação complementar, porém alguém se atrapalha fazendo com que a transação cruzada inicie. Complementando, Crema (1985, p. 167) ainda explicando esse modelo de transação afirmou “a transação se interrompe ou muda de tema. Subjacente aos conflitos”.

Figura 2 – Transações cruzadas

Fonte: Roberto Crema (1985).

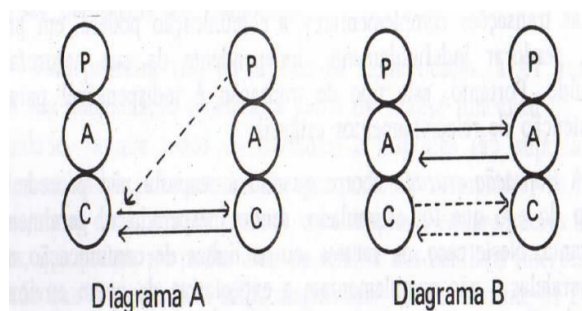
2.2.3. Transações ulteriores

Esse é o último modelo de transação, e como Crema (1984) afirma, ela é mais complexa que as demais, pois vai envolver dois níveis diferentes de mensagens.

Estes níveis são o social e o psicológico.

Crema (1984, p. 167) explica o social afirmando que “se refere ao explícito, aberto, geralmente verbalizado”. Enquanto o psicológico é a transação que ocorre de maneira não-verbal. Na figura 3 identifica-se a mensagem social pelo vetor contínuo e a mensagem psicológica pelo vetor pontilhado.

No dizer de Crema (1984) a motivação da transação ulterior encontra-se no nível psicológico e é o que vai constituir a base dos jogos psicológicos, essa afirmação está em concordância com a afirmação de Bern (1985, p. 87) “depois da análise transacional propriamente dita, passa-se para a análise de jogos”.

Figura 3 – Transações ulteriores

Fonte: Roberto Crema (1985).

2.3. ANÁLISE DOS JOGOS PSICOLÓGICOS

Eric Berne (1984, p. 87) expõe em sua teoria que “a análise dos jogos é necessária para atingir o controle social”, visto que o controle social é o objetivo central da Análise Transacional.

Berne (1984) explica os jogos psicológicos como mais de uma transação complementar e ulterior que se desenvolve até haver um desfecho definível e previsível. Para deixar mais esclarecido o conceito de Berne, Roberto Crema (1985, p. 174) explica com relação aos jogos:

Os jogos são constituídos de uma série de lances, com uma cilada ou "truque" no meio ou no fim, caracterizando-se por sua natureza inconfessada, desonestidade ou falsidade, e um desfecho com certo grau de dramaticidade.

As relações pessoais francas e diretas foram substituídas pelos jogos psicológicos, Berne (2007) afirma ser preocupante quando esses jogos ocorrem de maneira inconsciente, além do mais são jogados por pessoas em relações transacionais duplas.

Nessa modalidade o indivíduo assimila as figuras de autoridade que convive durante a infância, não obstante "introjetamos também suas formas recorrentes de interação; suas sequências comunicacionais repetitivas, ou seja, seus padrões habituais de transações" (CREMA, 1985, p. 174).

Isso quer dizer que a origem dos jogos psicológicos que Berne (2007) explica é a absorção da criança nos padrões de comunicação daqueles que elas tomam como exemplo para adiante colocar em prática o que foi indiretamente ensinado.

2.4. ANÁLISE DO SCRIPT DA VIDA

Crema (1984) explica o *script* da vida como sendo uma programação parental necessária, pois vai fornecer uma finalidade à vida e uma forma aceitável de estruturar o tempo, ou seja, uma programação de como fazer as coisas.

Roberto Crema (1984, p. 200) vai explicar melhor afirmando que "De acordo com as experiências felizes ou infelizes que constituíram em sua tenra vida, a criança, na primeira década de existência, responderá, bem ou mal, as questões

vitais." É relevante, pois na AT, como Crema (1984) vai explicar, o passado é uma referência do presente, ou seja, o presente será o reflexo das histórias vividas anteriormente, contudo será influenciado pelo aqui-agora.

Entende-se *script* como algo fundamentado na infância que irá influenciar no modo de viver de cada pessoa, nesse sentido Crema (1984, p. 198) explica que o *script* vai determinar o destino das pessoas.

Destino refere-se ao que se chega a ser, à sina, ao encadeamento de fatos supostamente fatais, a uma entidade misteriosa que determina as vicissitudes da vida. Neste sentido, a análise do *script* representa o estudo científico do destino humano.

Crema (1985) explica que o conceito do *script* não era completamente novo, o próprio Eric Berne já sabia que na literatura clássica moderna já existiam alusões a essa ideia. O diferencial é que "na AT se vai além das alusões, com a investigação esclarecida e fundamentada da matéria, a partir dos paradigmas" (CREMA, 1985, p. 197). É importante lembrar que esses paradigmas citados do Crema são os vistos até aqui no presente trabalho, como as transações e suas estruturas e funções, os jogos e certamente o *script*.

2.5 RESISTÊNCIA NA AT

Crema (1985, p. 51) "Em psicanálise, resistência é a oposição a qualquer tentativa de revelação de um conteúdo inconsciente". É pertinente essa definição, pois a resistência de maneira geral não é bem quista na Psicologia, até Berne (1984) chegar com a ideia da resistência como algo positivo.

Apresentando um novo olhar sobre a resistência, pode-se perceber que "a função da psicoterapia não é 'quebrar' a resistência de ninguém." (CREMA, 1985, p. 58). O terapeuta na posição de facilitador fará juntamente ao paciente uma reflexão onde o paciente notará que está resistindo para em seguida decidir se ele continuará a resistir, por medo do contato, ou se pretende parar. Crema (1985, p. 51) traz assim a ideia de que a resistência é ao contato.

Resistência, nesse enfoque, é qualquer coisa que fazemos que interrompe ou diminui o ritmo desse movimento, que interfere no contatuar. Resistir é fazer qualquer coisa que impeça ou minimize o contato; é sempre resistir ao contato com algum aspecto de si mesmo, do outro ou da Natureza.

Continuando, Crema (1985) explica também que resistir é uma maneira de manter a própria integridade. A AT tem a noção de que o facilitador centrado na técnica tente acreditar que a resistência é algo errado e o melhor é quando o paciente não resiste. Nesse sentido, Crema (1985, p. 52) diz que:

Quero deixar claro que esta é uma das atitudes básicas que diferenciam a AT centrada na técnica da centrada na pessoa. Nesta última abordagem, a resistência não é rechaçada, tida como algo ruim, nem se pretende 'quebrala'; busca-se a sua compreensão e a consciência da sua atuação.

Em concordância com Berne, Crema (1985) explica que a resistência é uma forma de manter a integridade, pois se resistimos a entrar em contato por medo do perigoso desconhecido então assim se preserva a integridade do organismo. É por esta razão que na AT se trará a reflexão; o indivíduo olhará bem para a situação e terá a consciência se é válido ou não a resistência, visto que o pode ser apenas uma proteção.

A resistência é necessária, como foi visto, pode-se perceber também na AT que a resistência é um aprendizado para a sobrevivência, "é na infância que ocorre o aprendizado básico do repertório de resistência necessário" (CREMA, 1985, p. 59).

Nesse sentido, Crema (1985) explica que a criança vai introjetar aquelas situações em que é repreendido por um adulto e aprende o que é certo ou errado, e o que for errado, ele vai resistir, transformando em uma infeliz criatura parcialmente castrada.

Crema (1985, p. 59) diz que "aprender a resistir tem função de sobrevivência e autoperpetuação e que, mais tarde, deixa de ter função, pois já não se é mais pequeno e indefeso".

Ainda com relação à resistência Crema (1985, p. 52) deixa uma valiosa dica aos terapeutas que estará além de qualquer abordagem.

Só o cliente pode saber se, realmente, precisa ou não continuar a resistir; se existe ou não um vidro real na sua frente. Não cabe ao facilitador decidir acerca disto, e afirmo que é um jogo de poder tentar fazê-lo. Ninguém sabe mais da vida do cliente do que ele próprio, por mais psicologia que o psicoterapeuta possa aprender em séculos de existência.

2.6. ESTADO OK

O estado de *okaydade* chegará quando o objetivo da AT for atingido, ou seja, a autonomia. Partindo do pressuposto de que as pessoas nascem *OK*, com capacidade de serem autônomas, Crema (1985) elucida que essa posição de *okaydade* é uma convicção vital. Colabora para uma autovalorização e valorização das pessoas ao redor, resultando em autorrespeito e o respeito aos demais.

Berne (2007) relata que as relações *OK* são aquelas que procedem do indivíduo no estado de ego Adulto para outro indivíduo no estado de ego Adulto, isso mostra que ambos estão em um estado de equilíbrio, ou como Crema (1985) mostra, nessa relação (Adulto – Adulto) a posição existencial presente é *Ok/Ok* e irá refletir na atitude básica da pessoa em suas relações interpessoais e na sua relação intrapessoal.

Pode-se afirmar que no estado de *okaydade* o indivíduo já chegou à sua autonomia, Crema (1985, p. 39) explica que “autonomia, e, não, a adaptação ou homeostasia, é o objetivo último da AT”, no dizer de Crema (1985, p. 40)

A pessoa autônoma é aquela que tem a coragem de dançar sua própria música assumindo a responsabilidade, ou seja, sua habilidade de responder: seu pensar, sentir e fazer. Portanto, o conceito de autonomia relaciona-se com o de liberdade e responsabilidade.

Entende-se aqui, portanto que o trabalho do terapeuta chegou ao fim, pois o paciente já encontrou seu estado de aptidão para resolver os problemas.

2.7. LUDOTERAPIA

O termo inglês para Ludoterapia é *Play Therapy*, literalmente traduzido como terapia pelo brincar. “Ao brincar, a criança desloca para o exterior seus medos, angústias e problemas internos, dominando-os por meio da ação” (ABERASTURY, 1992, p.15).

Axline (1980, p. 22) afirma que:

A Ludoterapia é baseada no fato de que o jogo é o meio natural de auto expressão da criança. É uma oportunidade dada à criança de se libertar de seus sentimentos e problemas através do brinquedo, da mesma forma que, em certas formas de terapia para adultos, o indivíduo resolve suas dificuldades falando.

Para os adultos pode-se vim o questionamento "por que as crianças brincam?" No dizer de Winnicott (2008), a criança brinca não apenas pelo prazer, porém, dificilmente o adulto nota que ela também brinca para organizar, controlar as ideias e impulsos que a angustiam e assim dominá-los. Ainda nesse sentido, Winnocott (2008, p. 164) relata:

A criança brincando pode querer tentar mostrar, pelo menos, uma parte tanto do interior como do exterior a pessoas escolhidas no meio ambiente. A brincadeira pode pretender ser uma prova de fraqueza e probidade sobre a própria pessoa.

Aberastury (1992) explica que ao brincar a criança vai elaborar seus conflitos, ela mesma criará mecanismos, e através das brincadeiras lidará com seus medos e angústias, elas aprendem a deslocar suas emoções para lidar com o mundo real, pode-se afirmar que "as crianças têm prazer em todas as experiências de brincadeira física e emocional" (WINNICOTT, 2008, p. 161).

A terapia por meio do brincar, como afirma Axiline (1980) vai fazer com que a criança perceba sua capacidade e possa pensar por si mesma, e assim chegar a suas próprias decisões e torna-se psicologicamente mais madura. Esse conceito lembra o objetivo principal da Análise Transacional, ou seja, a autonomia.

Os jogos e brincadeiras são importantes para desenvolver a terapia, visto que a criança não tem a fala tão bem elaborada, ela trará suas percepções por meio das brincadeiras, pois como afirma Axiline (1980) o brinquedo é o meio natural de auto expressão da criança. "A sala de ludoterapia é um bom lugar de crescimento. Na segurança dessa sala, onde a "criança" é a pessoa mais importante, onde ela estava no comando da situação de si mesma, onde ninguém lhe diz o que fazer" (AXILINE, 1980, p. 28).

2.7.1. O processo terapeutico lúdico

Axillie (1980, p. 77) cita que "com a criança na sala, o terapeuta não é nem um supervisor, nem um professor, nem um substituto dos pais", o papel do terapeuta não será passivo, contudo, como Axiline (1980) expressa deve se manter alerta e ter constante sensibilidade e apreciação daquilo que a criança está dizendo ou fazendo. Nesse sentido Winnicott (2008, p. 163), afirma:

A criança adquire experiência brincando. A brincadeira é uma parcela importante da sua vida. As experiências tanto externas como internas podem ser férteis para o adulto, mas para a criança essa riqueza encontra-se principalmente na brincadeira e na fantasia.

O terapeuta não se encontra em um papel de autoridade, como Axiline (1980) relata, ele não manda na criança, assim como não a apressa. A hora da terapia é a hora da criança. E é "imprescindível identificar precisamente em que nível evolutivo cognitivo ele se encontra" (DUARTE, BORNHOLDT e CASTRO 1989, p. 26).

Durante o processo terapêutico com criança, Axiline (1980, p. 78) explica como deve se dar a atuação do terapeuta,

O terapeuta deve gostar de crianças e conhecê-las realmente. É interessante que tenha algumas experiências pessoais com crianças fora da situação terapêutica, para que ele as conheça e entenda como são realmente em seu mundo fora do consultório.

Para um bom funcionamento da terapia lúdica primordialmente deve-se "entrar em contato, 'em sintonia', com o paciente, captar o que ele está sentindo, como ele está vivendo aquele momento ali" (DUARTE, BORNHOLDT e CASTRO, 1989, p. 25). Axiline (1980) acredita que o processo terapêutico infantil tende a ser mais breve, pois como a mesma explica as crianças respondem com rapidez e de maneira sincera a qualquer tentativa de ajuda.

O que pode contribuir para a cura do paciente de acordo com Duarte, Bornholdt e Castro (1989), é a criança ao comunicar suas fantasias, sentir-se acolhida, aceita. Saber que a outra pessoa a compreende.

Para compreender o que a criança tenta transmitir é necessário ao terapeuta estar em contato consigo, em processo terapêutico, pois cuidando do seu interior estará capacitado para cuidar do outro. Em tratando-se de criança é preciso ainda mais sensibilidade e atenção para aquilo que é dito no não-dito e expressado por meio do brincar.

2.8 PROBLEMATIZAÇÃO DO CAMPO DE ESTÁGIO

O presente trabalho é referente ao estágio obrigatório na ênfase clínica, no decorrer do curso de psicologia com os aprofundamentos teóricos e conhecimento das tantas abordagens e campos da Psicologia, optei por fazer o estágio supervisionado em Psicologia Clínica, seguindo como referencial teórico a abordagem Análise Transacional, houve identificação por essa teoria por se tratar uma abordagem mais ativa e diretiva, e que percebe a infância um fator de referência para a vida adulta.

O estágio ocorre nas Clínicas Integradas do UNIRN, ou seja, uma clínica escola, em que abrange estagiários dos cursos de Nutrição, Enfermagem, Fisioterapia, Educação Física, Serviço Social e Psicologia. Portanto, em alguns casos, haverá pacientes encaminhados por estagiários de alguma destas áreas, com o propósito de fazer um trabalho em conjunto para o bem estar daquele sujeito.

Inicialmente se estimava atender três pacientes por vez. A atividade principal exercida é a psicoterapia individual, com um ou dois encontros semanais tendo a duração de 50 minutos por paciente. O público trabalhado é de adultos, crianças e adolescentes incluindo envolvimento dos pais no processo terapêutico e escola quando necessário.

Realiza-se também o trabalho com o psicodiagnóstico infantil, e adulto, ademais foi formado um Grupo Terapêutico com alunos estagiários do curso de Fisioterapia que também atuam na Clínica Integrada, os atendimentos são em grupo e semanais com duração de 3 horas. Há a prática do Plantão Psicológico na qual funciona com o sistema de escala e dois ou três alunos ficam de prontidão para atendimentos emergenciais.

Todos os trabalhos realizados são passivos de supervisões em grupo, na qual a professora orientadora Geórgia Martins CRP 17/1254 dá as orientações necessárias para o desenvolvimento.

2.9. ANÁLISE DIAGNÓSTICA DO CAMPO DE ESTÁGIO

Durante a prática do estágio obrigatório, destacou-se como principal ponto de observação a necessidade da compreensão dos alunos estagiários sobre o que se seria um atendimento integrado. Existem projetos realizados na clínica escola na qual o acompanhamento é realizado por todos os cursos que formam a clínica integrada, contudo algumas vezes o trabalho não se dá de maneira interdisciplinar, com reuniões e discussões sobre os casos levando em consideração cada um dos saberes. Percebe-se também a falta de um acompanhamento integrado nos pacientes de terapia individual quando vem encaminhados de outros cursos, ou quando são encaminhados para outras áreas da clínica.

Com esse trabalho integrado podemos assim olhar o sujeito como ser completo, compreender sua complexidade e ter um cuidado mais adequado para sua demanda e ter outra visão para suas necessidades, pois se fechando apenas ao consultório, o Psicólogo pode não perceber a integração da equipe de saúde, em alguns casos é imprescindível para um bom desenvolvimento.

2.10. ATIVIDADES PROPOSTAS, OBJETIVOS E METODOLOGIA

O presente trabalho trata de um relato de experiência referente ao acompanhamento de um único caso escolhido dentre as outras experiências de estágio, desenvolvido durante o ano letivo de 2017. Para a estruturação do caso, foi escolhido um atendimento infantil, por esta razão foi realizada entrevista de anamnese com a mãe, visita a escola, devolutivas com os genitores separadamente, e dois encontros semanais com 50 minutos cada. Os atendimentos foram embasados na Análise Transacional.

O caso é de Pedrinho (nome fictício), uma criança de cinco anos. Os atendimentos acontecem na clínica integrada do UNIRN na sala de Ludoterapia, a

criança apresenta resistência ao contato terapêutico, e para melhor construção do vínculo foi aconselhado que os encontros ocorressem duas vezes durante a semana.

Sendo um processo de ludoterapia, todas as sessões são produzidas por meio de brincadeiras lúdicas.

Após as sessões semanais há supervisões em grupo com a professora orientadora mediando e dando as instruções necessárias, todos os encontros são registrados em um documento padronizado da instituição e este documento servirá de norte para a construção do relato de caso.

3 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Durante o ano letivo do presente ano foi realizado o estágio obrigatório em ênfase clínica na Clínica Integrada do UNIRN. Considerando toda a teoria estudada no que diz respeito à abordagem utilizada e a teoria embasada para a psicoterapia infantil, foi iniciado o atendimento com uma criança de 5 anos de idade, na qual terá o nome fictício de Pedrinho.

Pedrinho foi encaminhado para a psicoterapia em um primeiro momento no período em que seus pais se separaram, contudo, a criança teve uma má experiência com a psicologia o que a deixou fechada e não disposta ao processo terapêutico. Sabendo da situação foi recomendado dois encontros semanais para se criar o vínculo, cada uma com 50 minutos.

O primeiro contato com Pedrinho ocorreu no dia 23 de maio a fim de ser feita uma anamnese com a mãe, o que não foi possível, pois Pedrinho e sua irmã haviam passado por situações traumatizantes e não se sentiram seguros em ficar longe da mãe. Recebi todos na sala de atendimento e houve então um momento de conversa informal, sendo possível conhecer um pouco a criança. Na segunda tentativa foi possível realizar a anamnese e assim conhecer mais o caso.

A mãe relatou como se deu todo o processo de separação, que a princípio foi de maneira amigável, contudo, com o passar do tempo o cenário mudou, ela afirmou que nesse período houve fortes ameaças a ela e a criança presenciava tudo. Nesse ocorrido, assustados a mãe e os filhos ficaram confinados em casa por cerca de três meses, o que foi fator prejudicial no acompanhamento escolar de Pedrinho. O pai se encontrava sob medida protetiva, o que possibilitou Pedrinho e sua irmã e mãe voltarem à rotina.

A mãe recebeu várias reclamações na escola de que seu filho estava implicando muito com as colegas na sala de aula, porém, era só com as colegas meninas, o que a trouxe a relatar, também, que em casa o comportamento dele com a irmã eram de muita implicância e agressividade. Em alguns momentos haviam comportamentos não adequados para uma criança nessa idade, pois havia conotação sexual.

Muitas informações foram trazidas nesse primeiro momento, contudo, considero que o assunto de relevância para a compreensão do caso está aqui apresentado.

O primeiro momento a sós com Pedrinho ocorreu no dia 30 de maio e foi difícil fazê-lo entrar na sala, depois de um tempo ele entrou, mas permaneceu acanhado. Foi feito o contrato terapêutico, explicando à criança como funcionariam nossos encontros e principalmente reforçando o sigilo. Foi necessário reforçar o contrato terapêutico em várias sessões, e por muitas vezes a criança faltava aos dois encontros semanais, o que fazia necessário repeti-lo. Além de ter sido feito verbalmente, foi utilizado em vários momentos os brinquedos para falar-lhe que o que acontecia naquela sala, seria segredo meu e dele.

É muito importante que a criança compreenda o sigilo, mas também a permissividade é fundamental para o contrato terapêutico, ou seja, deixar claro à criança que aquele espaço é dela e ela pode brincar com o que quiser, pois como é explicado por Axline (1980, p. 103):

A hora da terapia é a hora da criança, para ser usada como ela quiser. A profundidade de sentimentos que ela demonstra durante o tempo que passa na sala de brinquedos, é tornada possível pela permissividade estabelecida pelo terapeuta. Numa certa medida, isso depende de uma expressão verbal da permissividade por parte do terapeuta, mas vai bem mais longe que isso.

Suas brincadeiras iniciais no processo eram sempre bem contextualizadas, e na brincadeira de "restaurante" ele era o cozinheiro e eu a cliente. Usávamos o teatrinho que tem na sala, junto com outros brinquedos que fingíamos ser comida, Pedrinho ficava sempre por trás da cortina e essa não podia ser aberta, como se quisesse esconder e evitar o contato. Foi notada grande resistência para entrar no processo terapêutico, o que é compreensível devido seu histórico, segundo Crema (1984) a resistência é justamente uma evitação ao contato e cabe ao terapeuta facilitar o mesmo, "é qualquer coisa que fazemos que interrompa ou diminua o ritmo deste movimento, que interfere no contatar. Resistir é fazer qualquer coisa que impeça ou minimize o contato" (p. 60).

No início do processo montamos juntos uma caixa lúdica, e o nome escolhido por ele foi "caixa do mistério". Ao finalizar a sessão em que produzimos a caixa,

Pedrinho concordou em terminá-la em outro momento, porém por várias sessões a caixa era levada, mas não recebia atenção. Permaneceu assim por um longo período. A criança permanecia resistente e enquanto facilitadora do processo não posso simplesmente abolir essa resistência, pois “o trabalho do facilitador, é facilitar que o cliente se conscientize das suas resistências, verificando o quanto estão ou não sendo úteis no seu momento atual de vida” (CREMA, 1984 p. 60).

Em determinada sessão, Pedrinho ainda sem querer entrar, concordou que só entraria se sua irmã fosse também, o mesmo ficou surpreso ao ter a permissão para tal. Entramos os três na sala de ludoterapia, contudo a atenção ficou voltada para Pedrinho e suas brincadeiras, muito embora estas tenham sofrido influências do gosto da irmã.

Com a evolução do caso, o próprio Pedrinho comentava na sala que eu era sua amiga e repetia o nosso combinado, tanto de arrumar a sala ao final das sessões, como o sigilo, contudo, ainda apresentava resistências ao entrar na sala.

Pedrinho sempre trazia em suas brincadeiras a realidade que vivia, como gosta muito de trilha e faz sempre com o pai, em várias sessões organizamos na sala uma espécie de circuito para trilha. Repetidas vezes na mesma sessão, após brincar de trilha Pedrinho queria brincar na casinha de boneca, fazendo a mudança da casa, pois o mesmo havia se mudado depois da separação dos pais. O intrigante é que toda vez que brincamos de mudança, só tiramos os móveis da casa e nunca colocamos de volta. Em uma tentativa de colocar de volta, quando o indaguei onde cada personagem ficava, ele fugiu do assunto como se não quisesse falar sobre isso.

Por muitas vezes a criança já chegava cansado e sobrecarregado. Não interagia nas brincadeiras, aparentava estar estressado, e trazia insultos para comigo e sempre se vangloriava. Em momentos que foram percebidos muito estresse, sugeria a pintura, fazendo uso de cartolina e tintas, nessas sessões Pedrinho usava as tintas com muita intensidade.

Foi notada muita agressividade de Pedrinho nos jogos, principalmente quando brincávamos de guerra e ele sempre era o comandante que matava todo mundo, tentava me colocar na brincadeira como seu parceiro, que o ajudava a

capturar os bandidos. Era notória a diferença da criança quando chegava ao consultório depois de chegar da casa do pai. Mesmo sendo uma criança foi possível identificar o estado de ego Pai, e um Pai crítico que se apresentou várias vezes de maneira autoritária.

Pedrinho apresentava um comportamento crítico, e de muita cobrança. Durante algumas sessões ele sugeria brincar com os blocos de lego, a fim de montar uma fazenda grande, ele montaria um estábulo para os cavalos e eu a casa com a piscina, fazendo referencia ao terreno que seu pai mora atualmente. Nessas brincadeiras ele cobrava agilidade no processo, e nunca estava satisfeito com o que eu apresentava com relação à casa. A cobrança sempre vinha com críticas como “você é lesa”, (sic) “você errou porque fica conversando” (sic).

Ainda nesse período Pedrinho não deu mais atenção à sua caixa lúdica, mas em algumas sessões ele olhava e comentava "a gente nunca terminou minha caixa". (sic) Contudo a atenção não passava dessa.

Para Pedrinho, a realidade da separação é confusa. Ter os pais separados significava dizer que, o que a mãe fazia com ele, o pai não poderia fazer e vice-versa, o que provocava nele um sentimento de traição para com um dos genitores. A Análise Transacional vai trabalhar com os estímulos trocados, e como Bernes (1985) explica, o objetivo principal da abordagem é que o sujeito alcance sua autonomia, e no caso do Pedrinho a autonomia seria aceitar e compreender os seus sentimentos com relação aos pais, compreender que mesmo separados ele ainda tem aos dois e pode amá-los sem trair ao outro, trazendo assim sua autonomia também aos seus comportamentos.

Pedrinho ainda se encontrava resistente, e mesmo já estando acostumado com o ambiente, em uma determinada sessão só aceitou entrar se a mãe entrasse também, foi adotado o mesmo procedimento de quando a irmã entrou na sala, a atenção voltou-se apenas à criança.

Além do trabalho feito com a criança na sala, em alguns casos cabe ao psicólogo infantil investigar fora do consultório, e nesse caso especificamente foi necessário para se compreender melhor, e vê a situação por outros olhos. Aconteceu uma visita à escola, e as reclamações sobre Pedrinho e sua conduta

foram várias, a principal era sobre o comportamento dele com suas colegas meninas em sala de aula, pois segundo relatos da professora esse era um grande problema. Questionada sobre as dificuldades da criança com o assunto em sala de aula, ela pode informar que Pedrinho, devido ter perdido muito tempo sem ir a escola estava “atrasado” (sic) e por este motivo acompanhava as tarefas de sala de aula “junto com a criança que precisava de uma atenção especial” (sic).

Foi importante esse momento junto à escola, pois pude trazer aos profissionais outra visão da criança, mostrando todo o momento conturbado que ele havia e continuava a passar.

Crema (1984, p. 57) afirmou que “a resistência não é rechaçada, tida como algo ruim, nem se pretende ‘quebrá-la’: busca-se a sua compreensão e consciencia da sua atuação”. E pode-se perceber que de maneira lenta Pedrinho foi se dando conta de sua resistência, e aos poucos foi mudando seu comportamento na sala. Saindo de brincadeiras mais acanhadas e quietas, a criança começou a trazer brincadeiras mais expansivas, usando toda a sala, como já citado brincadeiras de trilha, guerra e futebol.

Sempre nesses jogos ele extravasa muito, tendendo a derrubar várias coisas e tirar tudo do lugar. É notório um comportamento de superioridade, na qual, há a necessidade de insultar o outro e se auto afirmar que ele sabe fazer e é sempre muito bom no que faz.

Neste trabalho, foi citada a importância da permissividade na terapia, em contrapartida, deve-se ter cuidado e dar valor também aos limites. Axiline (1980) afirma que mesmo sendo poucos os limites estabelecidos, eles são muito importantes, pois as atividades realizadas pela criança dentro da sala de brincar podem ser realizadas fora dela. Foi dado o limite com o tempo a se cumprir na sala, o cuidado nas brincadeiras de espada, pois um não poderia machucar o outro além de arrumar a sala ao final das brincadeiras.

Foram levantadas estratégias para a colaboração em arrumar a sala, como campeonatos para ver quem guardava mais brinquedos em menos tempo. Contudo em um dia, após a brincadeira, Pedrinho não queria sair da sala e nem arrumar, organizei a sala por completo, mas ao acabar conversei com ele sobre isso,

mostrando que o que havia acontecido, não era o que tínhamos combinado, e que naquela sessão eu arrumei só, mas nas próximas ele arrumaria comigo. Pela primeira vez precisei de uma postura mais firme, pois o horário que sempre obedecemos nesse dia foi ultrapassado.

Esse acontecimento trouxe a reflexão, porque ele iria arrumar a sala onde ele projeta sua realidade enquanto a sua realidade está toda bagunçada? Nas outras sessões, Pedrinho com suas brincadeiras contextualizadas continuou a montar cenário utilizando toda a sala, passamos a deixar montado para a próxima semana, sem precisar arrumar após a brincadeira.

Ao longo de todo o processo foram realizadas devolutivas com a mãe, e uma com o pai. Ao conversar com o pai, foi percebido que sua relação com a criança é boa, contudo, relatos de sua programação como "assistimos MMA juntos até as duas horas da manhã" (sic) não foram vistas como adequadas para a idade de Pedrinho.

Com a mãe foi notado a necessidade de um cuidado psicológico também, por esta razão houve o seu encaminhamento para o Plantão Psicológico e por meio deste, pode entrar no processo de psicoterapia sendo acompanhada por uma colega de classe. Esse acompanhamento ajudou a mãe a também olhar para si e como consequência disso melhorando seu comportamento com Pedrinho.

Foi possível nas devolutivas ter um feedback de como estava a situação de Pedrinho, nos primeiros encontros foram muitas as reclamações de seu comportamento em casa de mesmo modo na sala com os colegas. A mãe também percebia grande estresse em Pedrinho, foi aconselhado procurar algum esporte para assim trabalhar mais a disciplina, foi feito um encaminhamento de Pedrinho e sua mãe para a nutrição da Clínica Escola afim de melhorar sua alimentação pois desse modo ajudaria em algumas demandas que a mãe trouxe como o controle dos esfíncteres e sua agitação.

Todos esses encontros aconteceram sob a permissão de Pedrinho e respeitando o sigilo, visto a dificuldade na relação com a criança e a falta de confiança, era acordado tudo o que seria conversando nas devolutivas com o mesmo.

A resistência da criança ocorreu durante muitas sessões, e como Crema (1984, p. 58) explica:

A função da psicoterapia não é “quebrar” a resistência de ninguém. E, sim, facilitar que a pessoa, primeiro, tenha consciência de que parou, de que está resistindo; e, depois, olhar bem para constatar se o que teme é mesmo uma víbora traiçoeira, ou apenas um pedaço de cipó.

Com o passar do tempo, as resistências foram diminuindo, até que em uma sessão Pedrinho quis completar a sua caixa lúdica, pedindo a minha ajuda. Enquanto fazíamos ele questionou várias vezes "essa caixa é só minha, né?" (sic) eu afirmava que sim, então em um momento ele perguntou "você guarda ela sempre para mim e ninguém mexe?" (sic), nesse instante pude perceber que enfim o vínculo fora criado.

Esse momento foi significativo, pois depois desse dia, a criança passou a entrar sozinha na sala, sem precisar a mãe deixá-lo na porta, e conversava comigo ainda no lado de fora da sala antes de entrarmos. Podemos perceber que sua resistência chegou ao fim, segundo Crema (1984) a resistência é uma forma de autopreservação e resistir nada mais é de que uma questão de sobrevivência, e isso foi percebido em Pedrinho, sua evitação ao contato era uma forma de se cuidar, se proteger daquilo que tinha medo.

Em seguida a esse episódio singular, o comportamento de Pedrinho mudou, diferente de outros momentos foi possível percebê-lo mais tranquilo comigo na sala e com a guarda baixa, interagindo nas brincadeiras. Dada sessão fomos pintar e a criança fez experimentos misturando as cores, fizemos uma grande bagunça na sala. Em seguida ele teve a ideia de brincar de trilha e toda a tinta seria a lama para sujar os carros e motos, diferente de outros momentos que nas brincadeiras era só sujar ou bagunçar, nesse dia Pedrinho sujou e por opção organizou todos os brinquedos, levando-os para um “lava-jato” na qual lavou todos os carros e colocamos de volta no lugar. Podemos perceber esse momento como uma organização das suas ideias, uma tentativa de por as coisas no lugar e limpar o que está sujo.

Pedrinho começou a entrar no processo terapêutico e a criar vínculo sem apresentar resistências, foi um processo longo, contudo, enquanto sua terapeuta tive de ter paciência e me encontrar sempre disposta ao recebê-lo e respeitando o

seu tempo, pois "quando a criança está pronta para exprimir seus sentimentos em presença do terapeuta, ela o fará. Não se pode forçá-la a fazê-lo às pressas". (AXILINE, 1980 p. 134). E partindo desse vínculo criado, pontos diferentes começaram a ser levado para as sessões, mas dessa vez pelo próprio Pedrinho, tal qual relatos da escola, de sentimentos de exclusão, e de não valorização de si. A criança afirmou que seus colegas da escola não gostam dele, e é notório que isso o deixa triste.

Isso acontece, mesmo quando nas brincadeiras ele traz palavras de elogio a si próprio. Essas situações mostram que Pedrinho muitas vezes se sente incapaz e inferiorizado. Começamos a fazer campeonatos, e sempre que Pedrinho errava ficava chateado então comecei a torcer por ele, mostrando que se errasse poderia tentar outra vez e continuar a praticar. Aqui, a criança em questão começou a se mostrar mais frágil e passou a transparecer suas questões.

O caso de Pedrinho é rico, cheio de pontos a serem trabalhados. Contudo, para o presente trabalho, foi voltado apenas para as dificuldades na criação do vínculo. Essas dificuldades estavam relacionadas a resistência em Pedrinho de entrar no processo terapêutico, sem medo, sem evitar o contato e seguro de onde ele estava entrando. O vínculo foi criado já no final do ano letivo, e o caso está em andamento, considerando ser importante a continuidade da terapia, para assim ser cuidado tudo aquilo que for aparecendo em suas demandas.

O trabalho terapêutico promove o desenvolvimento do paciente, trabalhando seus bloqueios e compreendendo sua resistência. Foi necessário o envolvimento dos pais no processo bem como da escola, pois a terapia é para o bem da criança e não favorecer nem uma das partes.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

É importante o desenvolver desse trabalho para aprofundar os estudos na prática da psicoterapia, tendo como foco o lúdico. O trabalho está em fase de conclusão, muito embora o caso relatado necessite ter continuidade do tratamento.

O aprendizado no decorrer do ano foi grandioso com a vivência prática e de mesmo modo à troca de experiência com os colegas durante as supervisões, pois por meio deste aprendi sobre coisas que não passei na clínica, contudo ao ver meu colega trabalhando se fez possível aprender junto com ele.

Ademais, essa vivência proporcionou a prática e amadurecimento profissional, e é pertinente destacar que a prática serviu também para crescimento pessoal e confirmações com relação à área da Psicologia que pretendo atuar.

REFERÊNCIAS

ABERASTURY, A. **A criança e seus jogos**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

AXILINE, V. M. **Ludoterapia**: a dinâmica interior da criança. 2. ed. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

BERNE, E. **Análise transacional em psicoterapia**. São Paulo: Summus, 1985.

BERNE, E. **Jogos da vida**. [S.l]: Virtual Book, 2007. Disponível em: <<https://books.google.com.br>> Acesso em: 24 maio 2017.

CREMA, R. **Análise transacional centrada na pessoa... e mais além**. 4. ed. Brasília: H.P. Mendes, 1984.

DUARTE, I.; Bornholdt I.; Castro, M.G.K. **A prática da psicoterapia infantil**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

Portal Brasileiro de Análise Transacional. Disponível em <<http://www.josesilveira.com>>. Acesso em: 17 maio 2017.